

COBERTURA DO CASO *SERIAL KILLER* DE GOIÂNIA: O ESPELHO VIROU LUPA?*

Media Coverage of the case Serial Killer of Goiânia: the mirror became magnifying glass?

Cobertura del caso Asesino en Serie de Goiânia: el espejo se convirtió en lupa?

Simone Antoniaci Tuzzo

Doutora em Comunicação pela UFRJ, Mestre e Graduada em Comunicação pela UMESP, Docente do PPGCOM da Universidade Federal de Goiás – UFG. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Rupturas Metodológicas para uma leitura crítica da Mídia entre os Programas de Pós-Graduação da UFG e UFRJ, Casadinho/Procad. Trabalho desenvolvido na linha de pesquisa Mídia e Cidadania – PPGCOM – UFG.

E-mail: simonetuzzo@hotmail.com

José Antônio Ferreira Cirino

Doutorando em Comunicação e Sociabilidade (UFMG). Mestre em Comunicação (UFG). Especialista em Gestão de Projetos (IPOG). Graduado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (IESRIVER) e graduado em Gestão de Marketing (UNIP). Participante do Laboratório de Leitura Crítica da Mídia da UFG.

E-mail: cirino.jaf@gmail.com

Resumo

O presente artigo propõe um olhar sobre a notícia e sobre o mundo midiático, com vistas a entender o processo de reflexão do mundo real ou potencialização do caos. A partir de uma leitura crítica de três matérias jornalísticas do caso *Serial Killer* de Goiânia: do Jornal Diário da Manhã (jornal impresso local), do Fantástico - Rede Globo (televisão nacional) e outra do *DailyMail* (web internacional), foram empreendidos apontamentos do posicionamento da mídia em relação à violência e segurança pública.

Palavras-chave: Violência. Agenda-setting. Segurança pública. *Serial killer*. Goiânia.

Abstract

The present article proposes a look at the news and the media aiming to understand its mirroring process of the real world or its potency for the chaos. From a critical reading of three journalistic texts about the case “Serial Killer of Goiânia”: Jornal Diário da Manhã (local newspaper), Fantástico - Rede Globo (national TV) and *DailyMail* (international web) notes were made about the positioning of the media in relation to violence and public safety.

Key words: Violence. Agenda-setting. Public safety. *Serial killer*. *Goiânia*.

Resumen

El presente artículo propone un vistazo a las noticias y a los medios de comunicación con el objetivo de comprender el proceso de reflejo del mundo real o la potenciación del caos. A partir de una lectura crítica de tres textos periodísticos sobre el caso al asesino en serie de Goiânia: Jornal Diário da Manhã (periódico local), Fantástico - Rede Globo (Televisión Nacional) y el otro, *DailyMail* (web internacional) se realizaron notas del posicionamiento de los medios de comunicación en relación con la violencia y la seguridad pública.

Palabras-clave: Violencia. Agenda-setting. Seguridad pública. Asesino en serie. *Goiânia*.

A violência discursiva

Esta pesquisa está centrada na busca de uma discussão recorrente sobre o jornalismo e que ainda encontra eco na sociedade contemporânea: os impactos da abordagem de um fato na construção do acontecimento nos veículos midiáticos. Por isso, o intuito deste estudo é analisar criticamente notícias de diferentes meios (televisão, jornal impresso e portal de notícias online), que trataram o caso do *Serial Killer* de Goiânia nos diferentes níveis de abrangência (local, nacional e internacional), para refletir sobre a atuação do jornalismo ao potencializar os fatos de forma sensacionalista, possivelmente contribuindo para gerar maior sensação de caos na sociedade. Justifica-se esse construto por abordar um tema que ficou em voga por muitos meses na mídia goiana e nacional, que posteriormente também ganhou destaque internacional no mês da prisão do *serial killer*, considerando-o como um dos maiores assassinos da história da região.

O discurso elaborado pela mídia sobre a insegurança pública e violência são o foco desse estudo, pois “a violência urbana foi transformada no grande tema do Brasil nos últimos tempos. Basta abrir um jornal ou assistir a um noticiário de televisão para ser bombardeado com informações sobre as mais recentes vítimas de assaltos e crimes” (OLIVEN, 1983, p. 20). Isso foi escrito há três décadas, mas ainda faz sentido.

A violência e os crimes sanguinários se fortaleceram como um grande nicho mercadológico na economia da atenção (SODRÉ, 2006), e saíram dos seus tradicionais espaços da Segurança Pública, as editorias especializadas em assuntos policiais, e ganharam boa parte do tempo/espaço nos diversos meios de comunicação (RONDELLI, 2000). “Neste sentido, a problemática social da violência vem sendo abordada exaustivamente pelos meios de comunicação [...] e por isso é considerada um tema utilizado com sucesso [...]” (MENDES, 2005, p. 78).

O diferencial entre a mídia e outras estratégias pelas quais o crime “fala” é que aquela consegue “amplificar” o relato sobre a violência. Se a *fala do crime* pode se difundir através de conversas, comentários, brincadeiras, ou outras manifestações microscópicas, a difusão considerável que

os meios de comunicação podem dar a narrativas de crimes violentos lhe atribui um caráter macroscópico. (COSTA, 2008, p. 126)

A notícia sobre violência é geralmente o chamariz, abre-alas do restante dos assuntos e quase sempre a garantia da audiência almejada pelos veículos. Conforme destaca Wainberg (2005, p. 11), “a violência tem-se revelado capaz de despertar o aparato cognitivo humano de sua apatia costumeira. É por isso um dos principais ingredientes que integra não só as atrações da indústria do entretenimento, mas também, e em especial, do jornalismo”.

Mais do que meras imagens postas ao voyeurismo popular, estas imagens da violência ganham relevo e emergem como fatos de interesse por exporem publicamente para a opinião, reflexão e julgamento um certo caráter sociocultural das nossas práticas violentas — menos psicológica, política e ideologicamente fundadas. [...] Neste sentido, a violência aparece não só como mero fenômeno de agressão física, mas também como linguagem, como ato de comunicação. (RONDELLI, 2000, p. 146-147)

Esse ato de comunicação a partir da linguagem própria da violência constitui-se como uma contribuição negativa para a sociedade, tendo em vista que “os meios de comunicação de massa — a *mass media* — são, inegavelmente, os mais atuantes veículos de sugestões, e tornam-se perigosamente *deseducadores*, quando dão exagerada ênfase às minúcias dos crimes e glorificam seus autores nas entrevistas” (FERRAZ, 1994, p. 67). Além disso, como ressalta Ferraz (1994), os delinquentes, criminosos e os famosos *serial killers* têm mais vaidade profissional do que qualquer outra classe profissional, por assim dizer. A mídia acaricia e afofa seus egos, sendo um certo tipo de troféu para aquele que vê sua obra criminal sendo noticiada com afã.

A violência é atriz principal no palco do espetáculo midiático por valer-se de detalhes e riqueza visual nas imagens que estimulam a audiência, tanto na produção ficcional como no jornalismo, sendo este último ainda mais poderoso por se utilizar de imagens reais e com maior apelo (WAINBERG, 2005), talvez pelo fato de que no início da pulverização dos aparelhos de televisão grande parte da produção era voltada a histórias de assassinatos, em que “o relato da criminalidade torna-se sucesso de público”

(COSTA, 2008, p. 123).

O discurso da violência, como uma espécie de discurso da notícia, revelará um processo de elaboração que tem sempre presente um contexto histórico urbano, mas também um tipo específico de leitor, receptivo a essa condução da narrativa, acostumado a esses “modelos” noticiosos e à forma como lhe são apresentados. Ele próprio construirá na memória o “modelo” de situação que lhe permitirá a compreensão de novos fatos lidos. Esse modelo representa a imaginação das pessoas ao reconstruírem o fato durante o ato de leitura. (DIAS, 1996, p.107)

Esse modelo construído na mente dos leitores/ouvintes/telespectadores advém de uma espécie de *obsessão temática* (CONTRERA, 2002) a partir de uma matriz discursiva que elabora e reelabora seus discursos a cada nova notícia, buscando sempre elementos comuns aos indivíduos que possam lhe auxiliar no processo de decodificação desta linguagem da violência, tornando-se comum e de fácil deglutição.

Análise da (In)segurança pública

A pesquisa é qualitativa por buscar o aprofundamento na análise dos dados, predominantemente bibliográfica, com caráter social, ao almejar compreender a função social do jornalismo na sociedade.

Anteriormente as ciências se pautavam em um modelo quantitativo de pesquisa, em que a veracidade de um estudo era verificada pela quantidade de entrevistados. Muitos pesquisadores, no entanto, questionam a representatividade e o caráter de objetividade de que a pesquisa quantitativa se revestia. É preciso encarar o fato de que, mesmo nas pesquisas quantitativas, a subjetividade do pesquisador está presente. Na escolha do tema, dos entrevistados, no roteiro de perguntas, na bibliografia consultada e na análise do material coletado, existe um autor, um sujeito que decide os passos a serem dados. Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc. (GOLDENBERG, 2000, p. 14)

Ou seja, sem pretensões de alcançar uma diversidade

numérica quantitativa, essa pesquisa aprofundou em um fenômeno para descrevê-lo e compreendê-lo em suas dimensões. E teve como objetivo principal destacar as peculiaridades das coberturas jornalísticas em casos com grande repercussão e discutir notícia como um espelho da realidade ou combustível do caos, ao tornar-se amplificadora das mazelas da sociedade criando por si só um ambiente hostil de sobrevivência para os seres. Para analisar esta inquietação, tomou-se como foco a área da violência e segurança pública, mas isso pode ser visualizado em todas as outras áreas (saúde pública, transporte, etc.): o poder constitutivo de caos advindo da mídia.

Mais especificamente para a análise deste artigo assumiu-se uma história local que ganhou destaque nacional e posteriormente internacional: o motoqueiro assassino na área metropolitana de Goiânia (GO), que matou diversas pessoas sem um padrão específico, mas mesmo assim categorizado como um *serial killer*.

Tudo começou em meados de março e abril de 2014, época em que era compartilhado via *Whatsapp*¹ um áudio gravado por uma menina não identificada em que fazia um alerta para as outras mulheres: havia um *serial killer* matando jovens mulheres, principalmente em pontos de ônibus, e que a polícia não estava divulgando o caso para que as investigações fossem mais ágeis na busca deste assassino.

O áudio foi desacreditado pela maioria dos que o ouviram e pela própria imprensa que buscou informações com a polícia e divulgou para a sociedade que não havia confirmação de existir um *serial killer* - embora também não houvesse uma negativa do fato. Essa foi o que podemos considerar a primeira fase da implantação do medo (aqui categorizaremos como *fase da negação*) que teve continuidade a partir do lançamento da série de notícias Insegurança Pública a partir de junho de 2014 (no Jornal Diário da Manhã), que em sua maioria, possuía títulos como: “Goianos reféns do medo”, “Os ladrões trabalham cedo”, “Junho, mês recorde de homicídios”, “Mapa mostra aumento e disseminação da violência no Brasil”, “Goiânia, capital do medo”, “Brasil violento, Goiás também”, entre tantas outras matérias que

¹ Aplicativo de conversação, compartilhamento de imagem, áudio e vídeo que compõe o conglomerado de comunicação de Mark Zuckerberg ao lado do Instagram e Facebook.

demonstravam este ser, talvez, o período mais violento da capital goiana. Nessas notícias já eram contempladas suposições quanto ao serial killer, mas com a ressalva de que não era nada confirmado.

Na segunda fase (categorizaremos como *fase da confirmação*) iniciada ao final de julho com a morte de mais jovens mulheres, foi um período de ampla divulgação na mídia sobre o caso, em que se confirmaram os assassinatos às mulheres intitulados como “mulherescídios” e que veio à tona em toda a mídia local e nacional, culminando com a revolta das famílias das vítimas que se organizaram e promoveram uma “manifestação contra o assassinato em série de mulheres em Goiânia”, agendada pelo facebook, obtendo mais de 35 mil confirmações de comparecimento no dia 09 de agosto, e efetivamente a presença de duas mil pessoas protestando. Pronto, o caos estava organizado: o pânico implementado durante os primeiros meses do caso foi confirmado e criou faces, pois várias das vítimas foram nomeadas e suas famílias foram aos principais veículos locais para dizer da dor e tristeza da perda pedindo paz e segurança para a sobrevivência na cidade. Nesse entremeio, várias matérias foram divulgadas sobre o tema, mas nenhuma que colaborou para a investigação do crime ou mesmo a prevenção e segurança das potenciais vítimas, e sim voltado à espetacularização do fato. O assunto emergiu inúmeras problemáticas que culminaram na falta de segurança pública e de investimentos nessa área, respondida prontamente pelo governo do Estado com o incremento de policiais militares nas ruas da cidade, mas sem políticas de segurança efetivas que mudariam esse cenário, tal qual sempre é resolvido com ações que tratam o efeito, deixando a causa ainda existente, pronta para emergir e proporcionar mais mortes.

O caso ficou por um tempo adormecido devido ao período eleitoral que tomou o espaço de vários outros assuntos, deixando até a leve aparência de que não se existia mais o risco, o que também demonstra a forma como o agendamento da mídia, ao priorizar um assunto em detrimento de outro, dá as lentes que cada um de nós usará no seu dia-a-dia, ditando a forma de enxergar o mundo.

Em outubro o caso foi de novo pauta da mídia: a terceira fase (categorizada aqui como *fase da prisão*):

De acordo com o superintendente de polícia judiciária de Goiás, delegado Deusny Aparecido, antes de ser capturado, a polícia não tinha o nome do suspeito, mas já sabia de todas as suas características físicas. Assim, na sexta-feira (10), foi emitido um mandado de prisão temporária para um “homem branco, com idade aproximada de 25 anos, aproximadamente 1,87 metro de altura, complexão física atlética, sem barba ou bigode, com pelos no peito, rosto afilado, cabelos pretos, curtos e lisos e sobrancelhas grossas, que normalmente se veste bem”. O mandado também descreve que o suspeito usava capacete e motocicleta de cor preta com placa adulterada. O vigilante foi preso na Avenida Castelo Branco, na terça-feira (14). Em seguida, ele foi encaminhado à Delegacia Estadual de Investigação de Homicídios (DIH), onde prestou depoimento e, de acordo com o delegado, confessou os crimes. (G1, 2014)

Ao executar a prisão do serial killer a história tomou outros rumos, pois não se tratava somente de *mulherescídio*, ele assassinou também outros grupos minoritários, como moradores de rua, gays e travestis. Esse fato mostra como a morte de *subalternos sem fala*, não tem destaque midiático. No ato de confessar os 39 assassinatos, ele se tornou uma celebridade, pois ganhou notoriedade internacional (BBC, Fox TV, Daily Mail, El Mundo e La Nacion) como um dos maiores assassinos da história.

Todos os passos do processo envolvendo o serial killer foram noticiados pela mídia, que acompanhou e difundiu amplamente, contando a história de vida, suas possíveis motivações para matar, laudos psicológicos, seu dia-a-dia de prisioneiro e sua tentativa de suicídio. Chegando à uma superexposição, mais uma vez dando lugar a celebritização do assassino, situação que já ocorria antes mesmo da sua prisão, confirmada quando a Polícia Civil encontrou na casa do assassino os recortes dos jornais em que eram noticiados seus crimes.

A análise

A amostragem foi definida por convenção, na qual se tomará uma matéria do veículo impresso local Jornal Diário da Manhã que compõe a série jornalística “Insegurança Pública” sob o título: “Presos 4 suspeitos de serem o suposto Serial Killer” de 01/07/2014; a reportagem televisiva veiculada em

âmbito nacional na revista eletrônica Fantástico, da Rede Globo, sob o título: “*Famílias de vítimas de serial killer de Goiânia tentam entender o que aconteceu*” de 10/08/2014 e a notícia divulgada no site *DailyMail*, veículo internacional, sob o título “*The serial killer aged just 26 who has confessed to 39 murders*” de 16/10/14. O intuito é confrontar os meios (impresso, televisão e web); a abrangência (local, nacional e internacional); e as fases de divulgação do caso *serial killer* na mídia (negação, confirmação e prisão).

O Jornal Diário da Manhã foi escolhido por apresentar em concomitância a série de notícias “INSEGURANÇA PÚBLICA”, que foi a motivação para a realização deste estudo. O Fantástico da Rede Globo foi selecionado por ser um dos principais produtos jornalísticos para informar a população brasileira, além de possuir uma grande audiência e credibilidade. Já o veículo internacional *DailyMail* foi selecionado para a análise por se tratar de um importante jornal online britânico, que apresentou maior aprofundamento nos dados e informações apresentadas.

Para essa análise optou-se por uma descrição crítica dos pontos que emergem do *corpus* analisado que coadunam com o objetivo desta pesquisa. Por isso não foi utilizado categorias para divisão das perspectivas, mas sim apresentou fatores que despontam e se destacam no material coletado, avaliando texto, imagens, vozes e elementos gráficos-visuais, assim como a disposição das informações.

Jornal impresso local

Os apontamentos iniciais são referentes à série “Insegurança Pública”. Todas as matérias que versavam sobre violência eram antecedidas de um recurso gráfico-visual para destaque, utilizando-se de um projétil de bala para ilustrar a matéria e de um vetor de uma cena de homicídio no canto esquerdo.

A partir daí já estava criado o clima necessário para a leitura da matéria, pois longe de possuir os recursos visuais e sonoros que a televisão dispõe, o jornal vale-se apenas de aspectos gráficos estáticos que se encarregam de contextualizar o indivíduo leitor, conforme aplicados nesse material.

A matéria específica da análise, intitulada “Presos 4 suspeitos de serem o suposto serial killer”, é iniciada com a seguinte frase: “Depois que suspeitas da existência de um

serial killer começaram a desencadear pavor nas mulheres, a Polícia Civil começou a desvendar crimes relacionados a mortes femininas com elevado grau de crueldade” (INSEGURANÇA PÚBLICA, 2014, p. 2). Este parágrafo inicial é quase uma confissão da ação midiática, pois já deixa claro que o pavor nas mulheres foi desencadeado especificamente pelas suspeitas da existência desse serial killer, que independente de ser ou não um caso verídico, já era real no aspecto ideológico.

E demonstra também que somente após tantas mortes é que a polícia começou a desvendar crimes, que de acordo com a matéria são de um elevado grau de crueldade, suscitando mais medo e até indignação nos leitores. O texto prossegue afirmando que os suspeitos começaram a ser detidos a partir de maio, porém essa época ainda só havia hipóteses do caso, mas que para a polícia já era um inquérito aberto e tratado com cautela.

Em um subtítulo da matéria principal chamado “Serial Killer” a reportagem entrevista uma delegada que afirma que a polícia nunca confirmou a existência de um assassino em série na capital, só que também nunca disse o contrário, “cabendo à sociedade a criação de uma espécie de lenda urbana” (INSEGURANÇA PÚBLICA, 2014, p. 2). Esse ponto corrobora para uma reflexão em relação à agenda pública e a agenda midiática. Poderia a delegada estar correta e os boatos e conversas permeados pela agenda pública incentivaram a criação dessa lenda urbana potencializada pela agenda midiática?! Isso seria um questionamento cabível para aquele momento, pois a matéria foi publicada em 1º de julho, data que tudo ainda estava no campo das suposições.

A delegada afirma ainda que o possível *serial killer* já estava preso, dentre um dos quatro suspeitos, chamado Leandro, e que havia atacado apenas por um determinado período. Foto dos quatro suspeitos foi estampada no jornal, provavelmente na tentativa de criar um “sujeito” principal para concentrar a indignação, o ódio e o medo da população. O medo tinha rosto. A matéria é concluída com:

A elucidação desses crimes começa a dar uma resposta à sociedade que esteve em pânico após boatos disseminados em redes sociais e repercutidos pela imprensa. A história de que um homem em uma moto preta estava assassinando jovens mulheres foi assunto

durante os últimos meses. O fato foi negado pela polícia, por mais que pessoas sugerissem muitas características comuns entre os diversos crimes cometidos contra mulheres ultimamente em Goiânia. (INSEGURANÇA PÚBLICA, 2014, p. 2)

Novamente é ressaltado o estado de pânico da sociedade, mas ao mesmo tempo sinaliza certo ponto final ao caso, inclusive dando um ar de “apenas história” à “lenda urbana” criada pela sociedade. Na matéria não foram contempladas informações que colaborassem para a prevenção e segurança das vítimas em potencial, muito menos informações mais esclarecedoras da situação (quantitativo de crimes, ações pontuais da polícia, etc.).

Televisão nacional

Essa situação também é enxergada na reportagem televisiva do programa Fantástico da Rede Globo (FANTÁSTICO, 2014), que já em outro momento do caso - 40 dias depois da matéria do jornal Diário da Manhã e após mais mulheres assassinadas -, torna a então “hipótese” uma realidade para todo o Brasil: há um *serial killer* em Goiânia. O próprio título da reportagem traz isso à tona: “Famílias de vítimas de *serial killer* de Goiânia tentam entender o que aconteceu”.

A reportagem tem duração total de 5 minutos e 30 segundos e não foge ao padrão consolidado de matérias televisivas desse tipo: um som de fundo na reportagem cria um ambiente de tensão e suspense, familiares são exibidos com objetos pessoais das vítimas e contam detalhes das vidas delas, criando semelhança e mais indignação na população. Sobreviventes do crime são filmados demonstrando a dor, o desespero e o medo, além da fonte oficial do caso, o delegado principal, com informações não conclusivas e que não passam, em nenhum momento, segurança à população.

A reportagem foi calcada prioritariamente na personagem “Ana Lídia”, adolescente de 14 anos, vítima do motoqueiro. O local da morte é exibido, assim como a repercussão na população, que foi representada por uma pessoa entrevistada no local entregando flores e dizendo que ela se parecia muito com sua filha – criando novamente os traços de semelhança. As imagens de uma câmera de segurança que mostram os últimos segundos da vida da adolescente abriram e fecharam a reportagem, exibindo também o moto-

queiro com moto e roupas pretas – dando imagem real ao antagonista que, até então, era apenas imaginado.

Outra situação que também gera pânico foi a simulação do crime, que através de recursos gráficos compuseram o cenário do possível assassinato, devido a falta de imagens reais que denotam o momento. Também utilizaram como fonte uma testemunha-chave na investigação que conseguiu perseguir por alguns minutos o possível assassino, mas que, por medo de também perder sua família, que estava com ele no carro, recuou.

Toda a matéria se resume em palavras, como: medo, dor, desespero, insegurança e violência. Essa reportagem citou que desde janeiro foram 15 jovens assassinadas. Apesar de possuir tempo suficiente para tal, a matéria não contemplou e nem abriu discussão para questões como políticas de segurança e nem os motivos pelos quais a cidade estaria experimentando caos, prestando um desserviço à população, pois só suscitou ainda mais o pânico.

Ao exibir em um veículo midiático com grande credibilidade a confirmação de algo que apenas era hipóteses, fez com que o cenário se tornasse ainda mais real e verdadeiro para a maior parte da população, independente de refletir a realidade, buscou ser combustível do caos.

Portal de notícias online

A matéria escolhida para ser analisada do âmbito internacional e no formato web foi do site *Daily Mail* (2014), datada de 16 de outubro de 2014, considerada uma das mais completas fora do país, aprofundando o caso com mais informações.

O jornal britânico DailyMail publicou uma reportagem na sua página sobre o caso. Com o título “Serial killer de 26 anos confessou 39 assassinatos: vigilante brasileiro se tornou um dos maiores assassinos do mundo”. O texto destaca que entre as vítimas de Tiago estão 16 mulheres, gays e moradores de rua de Goiânia. Entre os crimes, a publicação cita o de uma estudante de 14 anos, morta em janeiro deste ano. O caso noticiado é o de Bárbara Luíza Ribeiro Costa, que foi executada no Setor Lorena Park. A reportagem ressaltou, ainda, que o vigilante morava em

Goiânia com a mãe e que cometia os crimes usando uma motocicleta, sempre anunciando um roubo, mas que muitas vezes ia embora sem levar nenhum pertence das vítimas. (G1, 2014)

A matéria é ilustrada por diversas imagens, sendo elas por ordem de exibição: o assassino com policiais; os pertences do assassino; imagens de câmeras de segurança que auxiliaram na prisão do assassino; imagem de duas vítimas; itens utilizados pelo assassino e sua identidade (RG); duas fotos com o assassino no dia de sua prisão sendo levado por policiais; sete fotos de vítimas; e por fim um vídeo com imagens de uma reportagem da TV Anhanguera (filiada da Rede Globo em Goiás), filmagem amadora. Tais imagens reforçam também o caso da superexposição do assassino, transformando-o em uma celebridade do crime.

No topo da página da matéria, logo após o título, o veículo internacional destaca os seguintes pontos que formam uma síntese do caso: o *serial killer* confessou matar as 39 pessoas; suas vítimas incluíam 16 mulheres, travestis e pessoas desabrigadas; sua mais jovem vítima foi uma garota de 14 anos; o assassino morava com sua mãe em Goiânia, Goiás; o assassino anunciava assalto, mas assassinava e saía do local do crime sem levar nenhum pertence da vítima; ele cometeu os assassinatos, pois era acometido por uma fúria contra tudo, que só se tranquilizava ao cometer o crime; e que o assassino tentou suicídio na prisão ao cortar os pulsos com uma lâmpada. Essas informações compõem um resumo das principais informações, de acordo com os critérios deste veículo. É que, devido a ser um texto para a internet, facilita a leitura dos usuários da *World Wide Web* que preferem um texto mais curto, sintetizando o assunto.

A matéria continua discorrendo sobre o fato e logo no primeiro parágrafo categoriza o assassino brasileiro como um dos mais “prolíficos”, ou seja, com uma grande capacidade de gerar ou promover assassinatos ou mortes.

De acordo com o site, o vigilante foi preso a partir de uma força tarefa da polícia, pois após tantos assassinatos inexplicáveis a população local (Goiânia) estava em pânico. Tal afirmação possivelmente foi sustentada pelas outras notícias da mídia, afinal não há como medir o “pânico” na sociedade. Levando a considerar que esse próprio pânico é atribuído pela mídia e utilizado pelos próprios para mensurar o nível de insegurança. Além disso, uma das motivações evidencia-

das no texto para os assassinatos do *serial killer* foi a necessidade de aliviar sua ansiedade, atribuindo a ele um desvio de conduta em níveis psicológicos, apesar de também não ser uma informação constatada a partir de profissionais que podem aferir esta condição, mas sim noticiada pela mídia através dos depoimentos dos policiais e do próprio acusado e ressignificado pelos veículos de comunicação.

As vozes apresentadas no site são do chefe de polícia e do governador do Estado de Goiás, ambas fontes oficiais sobre o caso: um que conduziu a força tarefa para a prisão e o outro o condutor da cidade e do estado que estavam passando por essa crise na segurança pública. Interessante é que, assim como as outras matérias, não foram apresentadas informações quanto à situação da violência em um contexto mais amplo no Estado e no país. Afinal, esse é um caso que despontou, mas existem outros tantos casos que não são noticiados e por isso passam despercebidos.

A matéria prossegue contando que os familiares das vítimas organizaram manifestações para colocar pressão na polícia e no governo, pedindo resolução dos crimes. Nesse ponto também não trouxe falas dos representantes oficiais dos movimentos que poderiam facilmente ser contatados pelo facebook ou por e-mail, mas a própria rotina de produção com agilidade não permite que se faça a busca de outras fontes se não as que já estão disponíveis pelas grandes agências internacionais de notícia que disponibilizam e controlam os dados conforme seus próprios interesses. A reportagem do *DailyMail* é concluída com uma lista dos 15 mais “prolíficos” assassinos em série. Um top 15 dos principais *serial killers* da história.

Comparativo

Ao comparar os diferentes suportes, percebe-se que, devido aos recursos audiovisuais, a matéria exibida na televisão foi a mais sensacionalista e principalmente demonstrada como uma história ficcional. A reportagem do jornal impresso também apresentou elementos que contribuíram para essa situação, mas em uma escala menor. O texto do site internacional se mostrou mais direto e com menos usos de elementos narrativos, tratando-se basicamente de uma descrição. No que tange aos momentos analisados (negação,

confirmação e prisão) a terceira fase foi a mais polêmica, devido a superexposição do assassino e o processo de celebritização ao qual ele está inserido. No que tange às vozes usadas para ilustrar as matérias, a única que ouviu e deu fala às famílias foi a televisiva, provavelmente pela necessidade de torná-la mais emotiva e de fácil assimilação com qualquer família brasileira. Nas demais, as vozes presentes são apenas as oficiais (polícia e governo). Em nenhuma das abordagens foram identificadas informações de utilidade pública em relação a defesa pessoal ou segurança pública. Não foram abordados aspectos políticos e cidadãos, no que tange ao contexto ao qual estão inseridos estes assassinatos, e muito menos foi abordado o fato de suas principais vítimas serem mulheres e qual o peso disso para a luta contra a discriminação. As palavras usadas nas matérias são carregadas de sensações que foram exprimidas nas três analisadas: medo, dor, pânico, sofrimento, etc. As matérias do site e da televisão focaram cada qual em um crime com uma personagem específica para ilustrar o texto, ambas jovens de 14 anos, provavelmente a morte destas jovens são mais “chocantes” ou sensibilizam mais os leitores e a audiência destes veículos.

O espelho virou lupa

A discussão presente neste artigo refere-se ao nítido deslize do jornalismo para uma narração literária que se utiliza dos elementos do real para uma construção de uma matéria mais atrativa com recursos marcadamente ficcionais. Dalmonte (2009, p. 110) afere que no “discurso jornalístico, quanto a sua organização no intuito de promover um efeito do real, é importante notar os vários estratagemas, para que ele não apenas represente o real, mas esteja ancorado de fato no real”. E como afirmou Sodré (2009, p. 45) “[...] é cada vez mais difícil separar o imaginário do real ou o verdadeiro do falso”. Fora que os recursos atualmente disponíveis para a produção das notícias “[...] permite pouca distinção entre o real e o romanesco. Muitas vezes, a ficção instaura-se no imaginário coletivo como dado concreto da realidade” (COSTA, 2008, p. 159). Porém,

É preciso saber que a notícia não é o espelho do fato, porque muitas críticas às distorções da imprensa popular são pertinentes do ponto de vista ético, mas transmitem a ideia de que é possível

uma notícia límpida que faça os fatos transparecerem tal como aconteceram. As notícias reconstruem os acontecimentos por intermédio da linguagem e são redigidos com base em formas narrativas, símbolos, estereótipos, frases feitas, metáforas e imagens, e interpeladas por constrangimentos organizacionais, pressões políticas e econômicas, entre outros. (AMARAL, 2003, p. 71)

Por isso, cabe uma reflexão: “são os media que induzem as massas ao fascínio, ou são as massas que desviam os media para o espetacular?” (BAUDRILLARD, 1993, p. 110). Trata-se claramente de um processo interativo e uma via de mão dupla, em que os veículos entregam à população o que dá audiência, e a população lhe pede aquilo que lhe é oferecido tradicionalmente. Um ciclo vicioso, sem brechas para interrupções ou implantação de novidades.

Dalmonte (2013, p. 62) contribui que “o lugar privilegiado da tribuna jornalística é propício à criação de discursos capazes de constituir verdades, pois toda a estrutura de organização da narrativa está assentada em rituais de verificação, capazes de sinalizar algo como verdadeiro”. E ainda, através da divulgação ou difusão repetida e continuada das informações, as verdades elaboradas discursivamente tomam forma com maior propriedade.

As notícias sobre um mesmo caso, de diferentes suportes, períodos e abordagens, analisadas neste artigo, refletem a forma como a mídia se posiciona em relação à violência, e é ferramenta para instaurar o caos na sociedade, ao oferecer visibilidade exagerada aos temas e pessoas (assassinos se tornam celebridades) em detrimento de outros, num processo de *seleção* que pode ser mais bem denominado de *exclusão*.

A máxima do jornalismo de ser *espelho* do mundo, antiga teoria já derrubada por diversos autores, está dando lugar a uma nova perspectiva, em que a mídia se torna uma *lupa* do mundo real, que através de sua *lente de aumento* ainda reflete parte da realidade, porém, principalmente, aumenta e potencializa determinados enfoques e assuntos abordados. A lupa tem a propriedade de conjugar uma imagem virtual, direta e maior que o objeto, que é o que tem sido visualizado como resultado das ações do jornalismo, da mídia e da comunicação como um todo.

Na clássica cena de desenhos e filmes em que vemos uma criança pegar uma lupa para concentrar um raio de luz solar

em uma formiga para queimá-la, podemos imaginar que a formiga é a sociedade, a luz é a informação (discurso), a lupa é a mídia, mas não sabemos claramente quem é essa criança que segura a lupa para queimar as formigas, embora possa imaginar que sejam os grandes grupos de monopólio da comunicação que só permitem passar por essa lente aquilo que lhes é conveniente. Todos os elementos que compõe esta metáfora são importantes de serem analisados nesse jogo de discurso e poder.

Referências bibliográficas

AMARAL, M. F. (2003) Esgarçamentos e alinhavos na abordagem do popular na imprensa. In: *Jornalismo além da notícia* /Ada Cristina Machado da Silveira – organizadora – Santa Maria: FACOS-UFSM.

BAUDRILLARD, J. (1993) *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D'Água.

CONTRERA, M. S. (2002) *Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia*. São Paulo, Annablume: Fapesp.

COSTA, Y. M. P. (2008) *A outra justiça: a violência da multidão representada nos jornais*. São Luís: EDUFMA.

DALMONTE, E. F. (2009) *Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência* [online]. Salvador: EDUFBA.

_____. (2013) *O jornalismo enquanto formação discursiva: as regularidades enunciativas como estratégia de proposição de verdades*. In: *Teoria e Prática da Crítica Midiática*. DALMONTE, EF (organizador). Salvador: EDUFBA.

DIAS, A. R. F. (1996) *O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular*. São Paulo: EDUC/Cortez.

FERRAZ, H. *A violência urbana*. João Scortecci Editora, 1994.

GI. (2014) *Prisão de suposto serial killer é destaque na imprensa*

internacional. Disponível em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2014/10/prisao-de-suposto-serial-killer-e-destaque-na-imprensa-internacional.html>. Acesso em 25-11-2014.

GOLDENBERG, M. (2000) *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record.

MENDES, S. M. (2005) *A produção das notícias de violência nos jornais impressos do Estado da Paraíba*. In: *Sociologia da Violência: textos sobre juventude e mídia* / JUNIOR, E. F.; MARTINS, I.; Medeiros, K. (orgs.) João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB.

OLIVEN, R. G. (1983) *Violência e cultura no Brasil*. Petrópolis: Vozes.

SODRÉ, M. (2006) *Sociedade, Mídia e Violência*. Porto Alegre: Sulina: Edipucrs.

_____. (2009) *A narração do fato*. Petrópolis: Vozes.

WAINBERG, J. A. (2005) *Mídia e terror: comunicação e violência política*. São Paulo: Paulus.

Material analisado

DAILYMAIL. (2014) *The serial killer aged just 26 who has confessed to 39 murders: Brazilian security guard becomes one of world's most prolific killers with victims as young as 14*. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2795938/the-serial-killer-aged-just-26-confessed-39-murders.html>. Acesso em 23-11-14.

FANTÁSTICO. (2014) *Famílias de vítimas de serial killer de Goiânia tentam entender o que aconteceu*. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/videos/t/edicoes/v/familias-de-vitimas-de-serial-killer-de-goiania-tentam-entender-o-que-aconteceu/3554839/>. Acesso em 12-08-14.

INSEGURANÇA PÚBLICA. (2014) *Presos 4 suspeitos de serem o suposto Serial Killer*. In: *Jornal Diário da Manhã, Goiânia, página 2, 01 de julho de 2014*.

Outras publicações da autora:

TUZZO, S. A. (2014) Os cinco sentidos do Impresso. Internet Latent Corpus Journal, v. 4, p. 17-28.

TUZZO, S. A. (2013) O jornal impresso em tempos de internet e redes sociais: o que pensam os leitores. Indagatio Didactica, v. 5, p. 497-505.

TUZZO, S. A. ; BRAGA, C. F. (2013) A identidade do indígena na mídia impressa. SME: Educação em Movimento, v. 2, p. 89-108.

TUZZO, S. A. (2014) O lado sub da cidadania a partir de uma leitura crítica da mídia. In: PAIVA, R. e TUZZO, S. A. (Org.). Comunidade, mídia e cidade: Possibilidades comunitárias na idade hoje. Ied.Goiânia: FIC / UFG, v. 1, p. 151-180.

TUZZO, S. A. (2014) Ana Carolina Temer: Uma Timoneira forte e sensível que escuta as ondas e sente o vento!. In: Osvando J. de Moraes; Clarissa Josgrillberg Pereira; Iury Parente Aragão. (Org.). Fortuna Crítica da Intercom Timoneiros. Ied.São Paulo: Intercom, v. 7, p. 89-112.

Outras publicações do autor:

CIRINO, J.A.F.; TUZZO, S.A.; Cidadania midiática: a pirâmide da desigualdade, do sub ao supracidadão. In: **Mídias e desigualdade** / José Antônio Ferreira Cirino, Claudomilson Fernandes Braga (orgs.). – Goiânia: PPGCOM/Gráfica da UFG, 2016.

TUZZO, S. A; CIRINO, J.A.F. Novo discurso sobre saúde pública em goiás: a “luta pela vida” do hospital de urgências de Goiânia. **C&S** – São Bernardo do Campo, v. 37, n. 3, p. 447-468, set./dez. 2015.

CIRINO, J.A.F. Antropomorfização, institucionalização e heroificação: a mudança de enquadramento e abordagem jornalística sobre um hospital estadual de Goiás. In: **Comunicação, cidadania e cultura** [recurso eletrônico] / José Antônio Ferreira Cirino, Claudomilson Fernandes Braga (orgs.). – Goiânia: UFG/FIC/PPGCOM, 2015a.

CIRINO, J.A.F. Representações Sociais, Cidadania e Saúde pública: a Análise Crítica de Discurso sobre o Hugo na mídia impressa. In: Claudomilson Fernandes Braga; José Antônio Ferreira Cirino. (Org.). **Representações Sociais e Comunicação**: Diálogos em construção. Ied. Goiânia: PPGCOM/FIC/UFG, 2015.

CIRINO, J. A. F.; TUZZO, S. A.; TEMER, A. C. R. P. (2014) Teoria crítica social para leitura crítica da mídia. **Comunicação & Informação** (UFG), v. 17, p. 155-171.

